

Para continuar a leitura recomendo a compra do ebook Carlos Marichal, *Nova História das grandes crises financeiras, 1873-2008*, no [Fundação Getulio Vargas](#), [Rio de Janeiro, 2016].

## **Capítulo 6**

### **A crise econômico-financeira de 2008-2009**

A crise financeira e econômica que eclodiu nos Estados Unidos em setembro de 2008 tem produzido impactos e consequências de tal profundidade que se a equipara com a Grande Depressão dos anos 30. O naufrágio de bancos, bolsas e mercados imobiliários provocou uma profunda contração do crédito em escala mundial e tem afetado a maioria das empresas do planeta. Isso trouxe como consequência uma redução do emprego e dos investimentos em quase todos os países, assim como uma abrupta queda nas taxas de ganho e um descenso da produção e do comércio globais. Não há dúvida de que se trata de uma enorme crise, porém permanece aberta a questão de que seja ou não tão profunda e desagregadora como as maiores crises do passado, tema esse ao qual retornaremos ao final deste capítulo.

O colapso financeiro de 2008 e 2009 foi inesperado e abriu uma multidão de perguntas sobre suas causas, em especial sobre o porquê de ter explodido dentro do mercado bancário de Nova Iorque. Um bom número de economistas havia previsto a possibilidade de que se dessem novas crises nos países da periferia, mas poucos anteciparam quebras no centro. Por que se produziram pânico e

descalabros tão fortes nos mercados financeiros mais dinâmicos e estreitamente vinculados como Nova Iorque e Londres? Havia fatores comuns que levassem ao desajuste nessas “capitais do capital”? Sem dúvida, existiam estreitos laços financeiros entre ambas, porém o tamanho colossal do colapso e sua rápida difusão a todos os demais mercados sugere a existência de causas mais amplas.

A estas alturas, está claro que a revolução financeira de nossa época está intimamente relacionada à globalização econômica e às novas tecnologias de informação, que interconectam os diferentes mercados por meio de uma multidão de transações que se realizam a uma velocidade espantosa. A intensificação desses vínculos entre os bancos e outras corporações financeiras em diversos países multiplica os riscos caso irrompa uma crise nos maiores mercados. No entanto, ademais, sabemos agora que os perigos estavam aumentando de maneira formidável desde os anos 90, devido à introdução de uma bateria de inovações financeiras — os famosos derivativos —, cujo objetivo era diversificar os riscos dos investimentos em ações, hipotecas, preços de matérias primas e um sem-número de transações. O principal problema consistia em que os novos títulos eram manejados dentro de um vasto e novo mercado bancário sobre o qual havia muito pouca supervisão: alguns autores o definem como um sistema bancário “alternativo” e outros o qualificam de maneira menos positiva como um sistema financeiro “à sombra” (shadow banking). Por conseguinte, ninguém sabia na realidade qual era o autêntico valor dessas transações nem qual era a natureza da cadeia de créditos, apesar de seu enorme volume. Tratava-se de um verdadeiro “hoje obscuro”, cujos perigos haviam sido denunciados por muitos analistas, mas que, na prática, não foi

regulamentado pelos bancos centrais chave, em especial o dos Estados Unidos e o da Grã-Bretanha.

De uma ótica macroeconômica, numerosos analistas se têm perguntado: Tem essa crise suas origens nos crescentes desequilíbrios mundiais entre poupança, investimento e consumo? Os interrogantes focalizam em especial os desequilíbrios nas balanças de comércio e de pagamentos dos Estados Unidos. Sabese que, há mais de um decênio, as taxas de poupança na Ásia são muito altas e proporcionam uma quantidade enorme de fundos, que alimentam os mercados creditícios nos Estados Unidos, o que acentua a tendência em direção a um descomunal aumento do consumo e do endividamento das famílias desse país. Em seu livro *Fixing Global Finance* (2008), Martin Wolf — durante muitos anos editor associado do *Financial Times* — insiste em que a solução consiste em que os asiáticos invistam mais em seus próprios países e não nos Estados Unidos. Porém, seria convincente atribuir a culpa aos países asiáticos quando a crise foi gerada e eclodiu nos mercados de Nova Iorque e Londres?.